

Processo de  
86  
//

**Entrevista com Framínio Gonçalves**  
**Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2004.**

**(FÁTIMA)** – Boa tarde, prefeito. Nós gostaríamos que o senhor iniciasse falando como é que sua família e o senhor chegaram a Mesquita. De onde vocês vieram, de onde veio a família, né. E em que época, mais ou menos, vocês se estabilizaram aqui, né? E como é que era Mesquita nessa época.

**(FRAMÍNIO)** – Olha, eu sou natural de Angra dos Reis, nasci num lar humilde, vim para o Rio de Janeiro, para a Aeronáutica, mas tive sempre aquele espírito de liderança, porque era presidente de grêmio esportivo de escola primária. Porque essa veia política eu sempre tive. Então, eu vim para Nilópolis, conheci a minha esposa, e me casei com ela. Tivemos sete filhos aqui já em Mesquita. De Nilópolis eu vim para Mesquita que era pra completar. E aqui tivemos sete filhos. Graças a Deus todos eles têm nível superior. Tem um procurador do estado, tem outros que são pedagogo, e todos são, têm o segundo grau. E eu vivi aqui em Mesquita, na Rua Mato Grosso, 341, em Mesquita. E percebia que eram muitas valas negras. Muita pobreza, viu? Embora eu tenha sido de lar paupérrimo. Mas, o conformismo nunca foi uma doutrina admitida por mim. O homem vale pelo que faz e pelo o que realiza. E via que Mesquita era, assim, vamos dizer, o quintal de Nova Iguaçu. Enquanto Nova Iguaçu crescia, né, tinha fábricas, dava muito emprego, Mesquita ficava sem nada. Nem direito à água tinha, nem rua calçada. Então, um grupo de homens... Eu vim a me formar, e tal, casei e me formei e tal, lá na Rua Eupídio, né, e com aqueles companheiros, fundamos a associação de moradores do local.

**(FÁTIMA)** – Qual era o nome da associação, o senhor se lembra?

**(FRAMÍNIO)** – A nossa associação, era a Associação Parque Ludolf. A associação que organizou a emancipação era a AMA, entendeu? A Associação de Moradores de Mesquita, entendeu? É AMA, eu acho que é AMA, sim, o nome. Eu tenho lá em casa esses dados. Era presidida por Hélio Mendes Amaral. O seu Hélio e eu, depois eu concorri à presidência; ganhei, mas mantive seu Helio. Ele ficou comigo como vice-

Associação  
de  
Moradores



presidente, a gente fez uma dobradinha, e nós ali começamos mexer no processo de emancipação política.

**(FÁTIMA)** – Isso em que ano?

**(FRAMÍNIO)** – Isso me parece que foi em 86, parece. Por aí, assim. Eu sei que o seu Helio já havia dado entrada num pedido, num requerimento, e esse requerimento foi tirado de pauta da assembléia legislativa... Segundo informações que nós tivemos, na época, e tivemos depois, ele foi, pegou fogo nesse processo, não sei como, algum raio deve ter caído lá na assembléia legislativa, eu sei que o processo se queimou no banheiro da assembléia. Nós voltamos pra cá, eu fiz outro processo juntamente com o doutor Santa Rita – que era uma pessoa maravilhosa, pernambucano distinto –, fizemos outro processo com o doutor Guilherme também. Um grupo de advogados tomamos – ficamos assim meio triste com aquele episódio –, tomamos a frente e fomos fazer um processo, um novo processo de emancipação.

Processo  
de  
80  
==

**(FÁTIMA)** – Isso já em 86?

**(FRAMÍNIO)** – É. Daí pra frente nós reuníamos sempre e um outro trazia uma palavra de estímulo. E Nova Iguaçu contrária a nossa emancipação. Não quiseram, não queriam que nós conseguíssemos. Chegaram até a desestimular, dizendo que era impossível e tal. Aí, mais na frente, só pra você ter uma idéia geral de como foi a coisa, mais na frente nós, sob a minha presidência, eu consegui um plebiscito. Aí, quase que eu faço a emancipação. Então, nós descobrimos que o cartório eleitoral não tinha nenhuma sintonia com o registro civil. Quer dizer, os óbitos que havidos em Mesquita não eram comunicados, eles continuavam votando contra a gente, fazendo peso no corum, entendeu? Aí, nós descobrimos isso, vimos que isso, esse procedimento era irregular... Quando a lei determina que morreu um eleitor, une-se ao eleitoral, né. A lei determinava isso, mas, naquela época a gente não conhecia muito do direito, a gente não tinha aquela firmeza. Depois, perdi aquele plebiscito com uma margem muito pequena. E no outro nós requeremos novamente. Aí, o José Monte Paixão, como sabia quem estavam votando contra a gente eram os falecidos que permaneciam no



coeficiente eleitoral, ele perguntou e a gente disse “não, se a gente regularizarmos essa questão, essa formação que era de obrigação do cartório do registro civil, nós teremos a nossa emancipação. Aí, como ele tinha mais dinheiro, foi na nossa estrada, e conseguiu, né, tirar os falecidos, e o corum então fluiu. E nós, e ele, demos, tocamos o processo. O processo foi nosso, ele apenas ativou. Tinha dinheiro, né. Ativou a ida em Brasília com um bom advogado, um cara muito bom. O cara conseguiu no tribunal eleitoral, no TSE, é, anular aquele corum, e um outro plebiscito. E nós caímos juntos com ele, né. Eu, principalmente, estraguei um carrinho que eu tinha, um Gol, acabei com ele, mas nós caímos juntos, todo mundo, seu Helio Mendes, o seu Roque da Paraíba... Uma porção de companheiros nisso. Senhoras também. Entramos na guerra de cabeça, como diz na gíria, né, e conseguimos motivar a população de Mesquita. Então, o plebiscito foi, a nossa vitória, a emancipação, foi uma coisa que já estava acalentada a na alma dos mesquitenses. Então, aí, vem a parte política final. O do comerciante, na época, o José Monte Paixão, ele estava, lutou, conseguimos, eufórico, essa coisa, e queria concorrer ao primeiro prefeito daqui. Então, ele procurou a sigla do partido que eu estava nele, né. Eu tinha uma amizade muito grande com o ex-governador do Rio. Questão política: Brizola. Então, ele queria ser o primeiro prefeito. Eu digo: “ô, rapaz, o prefeito terá que ser eu! Porque eu sou, eu estou aqui nessa luta há muito tempo. Você tá pegando carona”. E na realidade foi isso que aconteceu com ele. Mas eu deixei isso pra lá. Então, ele queria, queria que eu concorresse a vereador, e eu disse “não, se eu concorrer, vou concorrer a prefeito, porque eu preciso fazer alguma coisa por aqui”. Eu cheguei aqui no barro. Ele mora em Copacabana, não tinha nenhuma relação com aqui, com Mesquita. E eu tinha compromisso. Compromisso de plenária, de assembléia, de afirmação, de colocação, né, junto com a população. E isso aconteceu e nós... E ele foi lá. [Eu tô te passando a frente pra não demorar pra você...]. Nós fomos para o partido, e o Brizola, o nosso presidente, disse assim “bom, você só será prefeito se o Framínio aceitar vice. Ele representa o PDT. Você não é do PDT”. Ele era, me parece, do MDB. Aí, ele “não, não quero ele como meu vice...”, ele apresentou quatro nomes. Ele disse “não”.

*a emancipação  
já  
estava  
na  
"alma"  
das  
pessoas*

**(FÁTIMA)** – Quem eram esses nomes?



**(FRAMÍNIO)** – Os nomes eram: o Carlinhos Magno, doutor Ilson, do, aqui do \_\_\_\_\_, tinha outros mais dois nomes. Era... Eu sei que ele apresentou nomes estranhos ao movimento de emancipação, entendeu? Se ele indica o Helio Mendes Amaral, talvez, a gente aceitasse.

**(FÁTIMA)** – Mas, ele, o Helio Mendes Amaral já tinha falecido nessa época.

**(FRAMÍNIO)** – Já... Indicasse, indicasse uma pessoa que atuasse igual ao Roque da Paraíba; igual ao Nicodemus, \_\_\_\_\_, uma pessoa que trabalha com a gente. Aí, ele fez o seguinte, ele... “Não, não, eu não quero ele como vice”, e numa tarde, nós fomos lá numa reunião lá embaixo. E foi dada a decisão final a ele: “o nosso candidato é o Framínio. Ele será o vice. Se você não quer, você diz agora que a gente vai indicar outro, outro, outro prefeito pra lá, no partido”. Aí, ele disse... Aceitou eu ser o vice. E nisto, eu não tinha direito nem de entrar aqui nessa prefeitura. Ele ficou zangado comigo, entendeu? A questão de lealdade ao governador, que nós temos intimidade na vida pública, nós lutamos juntos pela redemocratização do país, e pagamos por ter feito resistência à ditadura – tanto eu quanto Brizola. Só o Brizola teve 250 inquéritos. Só que deu em nada, porque não tinha nada contra ele, né. E eu tive que ficar lá fora, né. Aí, ele não entendia isso. Depois eu não sei o que aconteceu daquilo ali. E nós tínhamos, assim, uma certa tristeza de tê-lo como nosso primeiro prefeito, \_\_\_\_\_. Porque no curso da história que antecedeu a nossa emancipação, ele tinha junto com Avelino Torres – que alguém se ouvir essa narração que eu tô dano, vai se lembrar disso. Eles esconderam o arroz, esconderam açúcar...

**(FÁTIMA)** – Quem era Avelino Torres?

**(FRAMÍNIO)** – Avelino Torres era um supermercado que tinha aqui. Eu não sei... O fato é que escondiam arroz, escondiam açúcar... Ali na Emílio \_\_\_\_\_. E nós por ser um partido mais próximo da presidência da república, nós jogamos isso até o presidente que mandou que o exército viesse e arrombasse as portas e desse aqueles alimentos para o povo. Então, ficou aquela birra assim entre eu e ele, né. Mas, eu gosto dele, não tenho nenhuma maldade contra ele. Tenho até pena do que aconteceu com



ele. Pois bem, isso, isso foi encaminhando. Chegou na frente, nós pagamos tudo do nosso bolso, eu paguei do meu bolso show na praça de Mesquita, entendeu? Porque a gente lá, nós não tínhamos dinheiro, a gente se cotizava, eu me lembro até de um que nós não tínhamos dinheiro, não dava, e eu tive que tirar dinheiro de um pouquinho que tinha no banco: 21 reais. Não esqueço até hoje. A mulher brigou comigo em casa, que era dinheiro da minha casa. Eu tive que pagar porque nós contratamos um showzinho, né.

**(FÁTIMA)** – Pra emancipação?

**(FRAMÍNIO)** – Pra emancipação. E acabou a mulher brigando comigo. Resultado: nós fizemos a emancipação numa alegria muito grande. Ele, agradecemos a ele, não tem dúvida, ele tem os seus méritos, mas, ele apareceu na emancipação e pagou as despesas cartoriais, e a passagem do advogado à Brasília. E concluiu o processo, né, afastando os pesos pesados que eram os falecidos. Aí, nós viemos pra rua, fizemos a emancipação. E ele pintou com, \_\_\_\_\_ comigo como vice-prefeito, como candidato a prefeito, né, numa hora oportuna em que o povo tava fervendo de vontade de se desligar da opressão \_\_\_\_\_, e se elegeu. E com ele, eu também, como vice-prefeito, que ele não conseguiu colocar outro nome, sob pena de não ser o candidato. Então, ele botou, me infligiu um castigo: eu não tinha uma sala aqui pra atender os eleitores, nem tinha nem uma cadeira, em lugar nenhum, nenhum prestígio, não tinha nada. Isso gerou um conflito aí com o pessoal de fora... Então, eu estava vendo que as coisas não estavam administrativamente dando certo, dando bem, indo bem. Fizeram concurso público, só entrou quem era parente, quem era amigo... Os funcionários daqui eram, eram tudo amigo, o povo de Mesquita quase não tinha nenhuma participação, essas coisas assim. Então, o que eu fiz: eu aluguei uma sala aí fora com meu dinheiro de vice-prefeito, e montei um governo paralelo, entendeu? E passei a fiscaliza-lo. Aí, eu tive igual, coloquei alguma coisa ao ministério público federal, comuniquei até à presidência da república, com desvio de conduta política, essa coisa... E conseguimos estabelecer uma fiscalização do governo do estado. Mas, com... Ele é uma pessoa bondosa, mas muito temperamental. Ele brigava com qualquer um. Eu duvido se ele daria uma entrevista a senhora se não tivesse com vontade. Por aquela porta ali só



entravam os amigos. O povo tava fora: “não quero ninguém me perturbando”. E quantas vezes eu disse a ele: “não é assim, Paixão...”. “Ah, você vai me dar a sala ou não vai?”, “não vou te dar não”. E mandava os sobrinhos dele me dizer isso pra mim. “Eu entendi”. Nunca mais eu entrei aqui. Fiquei do lado de fora, fiscalizando... Parti pra fiscalização direta. Aí, um outro dado que você pode perceber: ele, além de fazer essa, essa coisa comigo, né, esse tratamento desigual comigo. Tivemos 48 mil votos na época, né, eu também participei com esses votos... Pois bem, aí, foi lá pra um bairro chamado Cosmorama, aqui, e foi brigar com umas senhoras lá. Questões de tratamento de rua, essas questões particulares que a pobreza levanta, porque era \_\_\_\_\_. Aí, uma dona parece que discutiu com ele. Ele já vinha de outras, né... Foi aqui no Santo Elias brigar também com o pessoal que tava fazendo um buraco na vala, e jogaram lama nele, foi lá... E essa coisa... E ele é um homem muito zangado, já com certa idade, e aquilo deu um AVC nele no tronco \_\_\_\_\_, entendeu? E ele foi socorrido...

**(FÁTIMA)** – Quantos anos tinha o Paixão, tem?

**(FRAMÍNIO)** – O Paixão deve ter uns 78 anos... Por aí assim... Eu não sei. Aí, ele passou mal dali, foi e ficou em coma, e tá em coma até hoje, coma profunda... Ele só fala com os olhos, entendeu? E me proibiram de visitá-lo...

**(FÁTIMA)** – Ah é?

**(FRAMÍNIO)** – É, eu tô proibido de ir lá fazer visita a ele. E no dia primeiro de abril, não foi mentira não, é verdade, a câmara me convocou pra assumir o governo do município. Quer dizer, de qualquer maneira eu fui o primeiro prefeito também, né? Fui o primeiro prefeito. Então, a justiça me fez prefeito por outros meios, né. Aí, eu vim pra cá. Tentei reestruturar a vida política de Mesquita colaborando com alguma coisa, que era o meu dever. Cheguei aqui encontrei uma administração, ninguém passou a administração pra mim, ninguém... Ele estava doente, mas ficaram aqui outras pessoas. Ninguém passou e eu não encontrei nada. Não encontrei nem computador: tudo apagado, tudo desmanchado... Quer dizer, uma falta de ordem na casa. Inclusive, um hospital que funcionava precariamente, mas funcionava, eles fecharam o Hospital. E quatro anos –



eu tô indo mais na frente, tá? E quatro anos sem nascer ninguém. E nas, e nos, nas reuniões da nossa emancipação, surgia a necessidade de cuidar melhor, dar mais atenção à questão de saúde de Mesquita. À água de Mesquita. Então, eu já surgi desse movimento de pretensão social do povo. Aí, cheguei no comando do município e fui tratar sem nenhum centavo, sem nenhum dinheiro, com pouquíssimo dinheiro em caixa, fui cuidar daquilo que já estava na minha cabeça já de algum tempo. Foi aonde eu promovi algumas pequenas mudanças, entendeu? E eu tenho pena de não tê-lo comigo hoje aqui, se ele voltasse... Não sei, porque ele é muito difícil de entender a dona humildade – essa senhora não mora perto dele, sabe como é? Mas, provavelmente ele teria oportunidade de ver, testemunho. Isso acarretou pra ele uma indignação por parte da comunidade, né, que rejeitou, de um modo geral, a família toda, e os sobrinhos pagaram pelo mau testemunho do tio. Fizeram daqui um espécie de república do titio, né. E discursos saíam daqui, eu vinha sempre pra cá ouvir: inadequado, impróprio à população que lhe deu o apoio. Então, eu percebi aquilo. Aí, o povo começou a se juntar “Framínio toma conta, toma conta...”; eu digo: “eu só posso tomar conta se a câmara abrir espaço”. Aí, ele ficou doente, a câmara abriu espaço, eu assumi, e tentei dar uma arrumada. Mas, eu não tenho tempo pra fazer isso, né. Aí, resultado: nós fizemos, abrimos o hospital, calcei umas ruas que era muito triste – crianças pequenas lá do outro lado, bairro pobre. E tentei reestruturar. Tanto assim que eu recebi o convite na semana passada, acabei de receber um convite da Itália, que o hospital que nós inauguramos, né, chamamos pra fazer um encontro de saúde aqui no Brasil, e me convidando pra ir lá. Eu criei uma revolução também na área de saúde... Na área de saúde, na área de educação. Na saúde foi esse avanço que nós demos, né, sem dinheiro, você abrir um hospital é difícil, mas o doutor Fábio colaborou muito comigo – eu nem falo aqui dele, mas ele me confiou. Eu me lembro de uma frase que ele disse pra mim: “a você, Framínio, se me pedisse um quilo de ouro em pedrinhas eu te daria, porque eu sei que você ia me devolver”. Aí, eu consegui pagar a ele em pedacinho, consegui pagar o instrumental, né, porque as máquinas que estavam no hospital... Aí, botei o hospital pra funcionar. Não está bom, bom porque não temos verba pra isso, e contamos com a desatenção do governo do estado total e do governo federal, viu? E o Artur também que brigou comigo em favor das questões sociais: “\_\_\_\_\_ nós dois. Eu tô no PDT e você tá no PT”. Aí, eu não tenho nenhuma



restrição ao nome do Artur. É uma alegria ter que passar o governo pra ele, porque ele foi uma pessoa... Estive com o pai dele, saia da minha casa, a gente lutando pela emancipação. Artur era garoto. Artur foi aluno da minha esposa, entendeu? Aí, a emancipação tomou esse rumo, parece que Deus traçou esse rumo. E, onde aparece também o primeiro prefeito, e o Artur, né, como segundo prefeito. A pessoa que também lutou pelo nosso movimento de emancipação. E, eu entendo que cabe a nós, tendo em vista, que o Paixão teve a sua participação grande que movimentou na área jurídica, ele sempre teve dinheiro. Então, eu disse: “eu tô, eu estou por inaugurar ainda no meu governo a galeria dos executivos de Mesquita, nessa direção da emancipação”, que eu quero inaugurar a foto dele aí, foto, mas ele fez a prefeitura nova... E tá tudo... A fiação tá horrível, e eu provavelmente quando a senhora voltar aqui vai me encontrar com vela acesa lá na prefeitura, porque eu vou me mudar.

**(FÁTIMA)** – Antes de acabar o seu...

**(FRAMÍNIO)** – Antes de acabar o meu mandato. E vou... Nem que saia com vela acesa eu vou pra lá. Mas, nós vamos pra lá, porque isso aqui é impróprio, e dum clube, feito um comodato que a lei não dá respaldo, entendeu? É uma organização social não tem que falar em comodato. Mas, eu não sei como arrumaram isso, eu sei que eu sou contra, eu sou advogado e entendo dessa parte, que eu faço muita lei, muitas ações concessórias, não é? Sou advogado de lavrador, da área de Angra dos Reis, Parati... Costa verde ali foi sempre comigo. Então, eu vejo que isso aqui não existe, essa forma jurídica de comodato. Então, a emancipação é, vamos dizer, é uma chuva esperada. Quem morou em terra seca, e quando vê a nuvem, né, então, a pessoa fica esperando a chuva vim, né? Foram um sonho nosso, um sonho nosso a nossa emancipação de Mesquita. E agora, se eu pudesse, e eu espero que o Artur possa, e eu vou sugerir a ele, é... Fazer daqui uma grande cidade. Eu despachei na semana passada com o presidente do tribunal de justiça do estado, o doutor \_\_\_\_\_, e ele me chamou lá, eu fui lá, e conversei com ele, e assinei um compromisso com ele abrir aqui em Mesquita um juizado de pequenas causas, lá na \_\_\_\_\_. Arranjei justiça gratuita itinerante, com ônibus. O ônibus ia até lá na Chatuba, ia ter nessa semana. Vem até Edson passos e atende lá a outra, né. Porque o pessoal é pobre, né,



pra se deslocar pra Nova Iguaçu, às vezes não têm R\$ 1.00 pra pagar. Então, eu consegui isso com ele, né? Consegui mais a CEDAE. Quando você quer água aqui tem que pedir em Nilópolis. Atende sempre, claro, os interesses deles, né. Eu consegui, tô assinando um convênio pra que eles façam aqui um distrito, e a distribuição de água seja sempre dentro do nosso território. Eles passam por um \_\_\_\_\_ vocês põem a água lá, e eu não vou permitir que vocês passem mais no solo de Mesquita, e eu \_\_\_\_\_. Mas, eu brincando com ele. Então, nós fomos iniciar...

Fita 2 lado A (continuação)

**(FRAMÍNIO)** – Na esteira da emancipação estão uma universidade para Mesquita, cuidar de maneira grandiosa da questão de saúde, educação; trouxe a melhor biblioteca para as crianças de Mesquita, e tenho certeza, se Hélio Mendes Amaral tivesse vivo, se Santa Rita tivesse vivo, se o Roque tivesse vivo, Nicodemus, esses homens estariam aqui com a gente lutando para que a nossa emancipação fosse alguma coisa, e trouxesse benefícios total para o povo de Mesquita. Mas nós conseguiremos isso porque Deus já nos ajudou. Que seja hoje eu esteja aqui, amanhã estará o Artur, e provavelmente na outra só estarão outros companheiros que participaram de forma efetiva para emancipação de Mesquita. Porque os outros, como lhe disse, não quero falar mal do Paixão, porque ele tem toda razão, mas na realidade não lutou pela emancipação, como Santa Rita, entendeu? Um homem, pressão alta, mas que unia, sai da reunião meia-noite, uma hora da manhã... Ele nunca fora visto. Se eu tivesse aqui na minha mão agora – é que eu esqueci –, eu te trazia um álbum, que eu tenho da emancipação e eu pediria para você, para ver se você ia vê-lo, vê a sua foto, desses que se dizem hoje emancipadores naquele álbum.

**(FÁTIMA)** – Por quê que o senhor acha, eu também já escutei outras entrevistas, por quê que inicialmente, quer dizer, desde do primeiro processo de 1950, e mesmo de 87,



por quê que o antigo prefeito, né, o que está licenciado, por quê que ele era contra a emancipação?

**(FRAMÍNIO)** – Ele era contra a emancipação porque tinha cartório aqui, entendeu? Tinha os seus interesses maiores, era dono de uma rede: irmão comerciante, né. E essas coisas surgiram... Ele recebia, tinha uma intimidade com os políticos de Nova Iguaçu que eram contrários, Getulio Limoura, por exemplo, era contrário e era chefe político dele. Então, não havia o interesse do povo de Mesquita, mas havia o interesse eleitoreiro de pessoas que lhe eram, que estavam sobre ele na hierarquia de seus partidos: PSB, era contrario, e nós aqui...

**(FÁTIMA)** – PSD, né?

**(FRAMÍNIO)** – PSD. E nós aqui éramos da base PTB né. Os PTBs sempre lutavam pela emancipação de Mesquita. Nós conseguimos. Era um movimento, considerado por ele, é, de difícil. Quantas vezes ele disse “deixa de ser bobo rapaz...”.

**(FÁTIMA)** – Então ele não participou daquelas movimentações, das organizações?

**(FRAMÍNIO)** – Não, não, não, não participou de nada. Ele só participou quando viu o \_\_\_\_\_, primeiro perdemos por pouco, né. O segundo nós entramos, né, quando a gente já estava no meio do processo ele foi e tirou os falecidos...

**(FÁTIMA)** – Mas foi no terceiro, né que ele tirou, foi no de 95?

**(FRAMÍNIO)** – Exato. Porque ele pegou as certidões de óbito, né, nos cartórios e conseguiu diminuir o corum.

**(FÁTIMA)** – Agora, então, prefeito, por quê que quando o antigo prefeito, né, o licenciado, o Paixão, ele se elegeu em 2001, ele tinha uma insígnia, ele se chamava, e nas propagandas era “o pai da emancipação”. O quê que o senhor acha disso?



**(FRAMÍNIO)** – Isso é totalmente injusto para o povo de Mesquita – se a senhora chegar ali, em qualquer cabelinho branco ali e perguntar, ele dirá para a senhora que isso é totalmente injusto. Não foi pai de nada, ele não fez nada, esse... Ele entrou na carona, isso eu digo sem nenhum revanchismo, sem nada, porque na realidade é isso. A senhora pega qualquer senhora, qualquer senhor que tenha a nossa idade e pergunte a ele se viu Paixão algum dia brigando por emancipação. Nunca participou de nada, apenas...

**(FÁTIMA)** – Ele pegou essa, porque eu vi no jornal, nesse “O Radical”, tinha uma propaganda do senhor Helio Amaral, e era “Helio Amaral, o pai da emancipação”, tá escrito ali né? Quer dizer, então de repente ele pegou, ele... Se apropriou disso, como é que foi?

**(FRAMÍNIO)** – Ele fez esse jogo, né? O Helio Mendes Amaral eu até aceito porque ele foi um... Estava conosco nessa luta, né? O Helio tava, o Helio participou, mineiro, silêncio, né... Pensador. Aí quando a gente, às vezes, discordando das colocações, ele chegava aconselhando “não, nosso objetivo maior é a emancipação, não vamos nos atropelar”, quantas vezes eu ouvi o Helio dizer isso. Mas o Paixão não, nunca participou de emancipação. Apenas para processo jurídico que ele entrou porque sabia que ia dar certo, mas a luta de base nunca teve dedo dele.

**(FÁTIMA)** – Prefeito, então, eu queria que o senhor falasse agora um pouquinho assim: quais eram os motivos principais nessas reuniões da emancipação? O senhor presidiu duas vezes a comissão, né, de emancipação naquela época. Quais eram os motivos que, os argumentos para emancipar Mesquita ao invés de marchar junto com Nova Iguaçu? Porque muita gente fala, o pessoal que é contrário, que Mesquita não tinha, não teria viabilidade financeira pra... Pra emancipação, isso a gente encontra. Quais eram os motivos que os emancipistas, né, se utilizavam, quais eram as razões, porque vocês abarcavam a sua causa, quais eram os argumentos com que vocês convenciam a população?



**(FRAMÍNIO)** – Olha, nós levantamos todas as indústrias daqui de Mesquita na época. Vimos que tínhamos condições de promover a nossa emancipação, que tinha condição de subsistir sem estar atrelada a Nova Iguaçu, que só cobrava daqui os impostos. Não há... A melhoria que a lei impõe, me parece que o artigo 105 do código de habitação, nacional de habitação, que se gaste com a população de onde se arrecada. E não vinha nada pra cá. As escolas eram péssimas, a saúde não tinha nada – tinha uma casa de saúde, particular ali na avenida... Avenida União, né, que se chamava Casa da Maternidade, onde nasciam. Mas o tratamento não tinham. Então, eles se valiam daqui. Mesquita tem uma extensão razoável. Olha, minha filha, eu entrei ontem, tô trazendo pra cá uma reciclagem de lixo que vou arranjar emprego pra mais de mil pessoas. Uma empresa, eu tive lá ontem... Foi semana passada eu tive dentro dela, conversando com um dos sócios, todos rapazes, entendeu? E estão felizes com aquilo, querem ampliar a fábrica. Então, se Mesquita não tivesse um presidente mesquitense, um prefeito mesquitense, essa coisa iria pra onde? E outras empresas estão me pedindo pra ficar, eu vou até falar isso com Artur: como desenvolver a nossa cidade, desenvolver com honestidade, entendeu? Com imposto justo, a senhora sabe alguma coisa... Em Nova Iguaçu, por exemplo, tributava quem mora lá na Coréia, sem nenhum saneamento, tudo cheio de lama, cheio de barro, o mesmo preço que o pessoal do asfalto daqui. Então, aquele morador de Mesquita, não paga imposto, fica atrasado, mesmo quem não tem como pagar. Aí, depois fica essas, vai pra vara cível, a vara competente das execuções, para fazer as execuções encima desse pessoal toma as casinhas deles. Executava, ia para a dívida ativa, executava, não pode pagar, paga com a casa. Essas covardias foram aqui, algumas delas surgiram aqui. Aí nós, a emancipação, nós se esbarrava nisso daí, e era um dos motivos. Água, água horrível, não tinha uma água... Saneamento nenhum. Era, era a fonte da nossa briga era essa, uma qualidade de vida, entendeu? Um tratamento totalmente desigual, tipo colônia, assim como os Estados Unidos fazem com o Brasil, Nova Iguaçu fazia com Mesquita. Mas nós encontramos o caminho de sair que era a emancipação. O Jacson, Jacson, Jacson vestia de branco para chamar atenção.

**(FÁTIMA)** – É?



**(FRAMÍNIO)** – É, exatamente, pra o povo da república, se vestia de branco, todos nós, daí na rua. O Jacson cê viu várias vezes, o Regener, a filha dele, entendeu? Via eles na rua, mas Paixão, nunca. Nunca foi visto na rua fazendo qualquer sinal em favor da nossa emancipação.

**(FÁTIMA)** – Prefeito, agora eu queria fazer uma pergunta sobre umas construções que foram feitas, os pórticos de Mesquita, os pórticos, aqueles portais de entrada, porque me parece que, eu não sei se eles acabaram, se eles foram acabados, né? Não sei se o senhor, porque que o, porque que aquilo foi construído, né? Quer dizer, teve muita polemica no jornal da época, to perguntando pro senhor porque o senhor assumiu a prefeitura, né, e eu vi que a de Edson Passos tá até um pouco, tá pintada e tal, mas aquele da... Da entrada da Dutra... Por que os pórticos né? O senhor saberia me responder?

**(FRAMÍNIO)** – Olha é... sabe, eu... O quê que eu iria responder, que tipo de utilidade trouxe aquilo para Mesquita, só para fazer vítima, nossos homens morreram batendo de carro ali. Uma motocicleta, uma menina morreu, entendeu? Enquanto as valas negras estão aí. Foi um dinheiro que saiu da Caixa Econômica. Sabe, essas verbas, que são verbas é... Já destinada àquele tipo de serviço e que eles pegaram e fizeram esses portais, fizeram aqui, em três ou quatro lugares, fizeram até no banco de areia, quebraram uma praça, fizeram sumidouro de tratamento de esgoto, alguma coisa impensada, eu não sei, é até difícil de responder, porque eu acho que um prefeito, por mais ignorante que ele seja, ele não faria aquilo, porque, por que portal? Por que portal? Se a vala está negra, igual a de Edson Passos, eu peguei uma porção de lodo. Não tenho dinheiro pra sanear tudo. Nós vamos demorar até colocar Mesquita no lugar. Artur vai ter que passar uns quatro anos, e eu estarei junto com ele, pra gente conseguir trazer uma melhor qualidade de vida, entendeu? Mas não tem a necessidade de fazer portais, pra que? Não tinha, o que tinha, deveria ser feito ali era um, podia até fazer um canteiro de flores para demarcar o encontro de município, mas aquilo ali não tem sentido, é perigoso aquilo ali. Estão me pedindo pra que eu pintasse aquilo, arrumasse, me pediram aqui, agora já tá pronto, o jeito é pintar, mas eu ao invés de calçar uma rua enlameada e pintar aquilo ali, eu prefiro ficar com a rua. E estava no



**(FRAMÍNIO)** – É, exatamente, pra o povo da república, se vestia de branco, todos nós, daí na rua. O Jacson cê viu várias vezes, o Regener, a filha dele, entendeu? Via eles na rua, mas Paixão, nunca. Nunca foi visto na rua fazendo qualquer sinal em favor da nossa emancipação.

**(FÁTIMA)** – Prefeito, agora eu queria fazer uma pergunta sobre umas construções que foram feitas, os pórticos de Mesquita, os pórticos, aqueles portais de entrada, porque me parece que, eu não sei se eles acabaram, se eles foram acabados, né? Não sei se o senhor, porque que o, porque que aquilo foi construído, né? Quer dizer, teve muita polemica no jornal da época, to perguntando pro senhor porque o senhor assumiu a prefeitura, né, e eu vi que a de Edson Passos tá até um pouco, tá pintada e tal, mas aquele da... Da entrada da Dutra... Por que os pórticos né? O senhor saberia me responder?

**(FRAMÍNIO)** – Olha é... sabe, eu... O quê que eu iria responder, que tipo de utilidade trouxe aquilo para Mesquita, só para fazer vitima, nossos homens morreram batendo de carro ali. Uma motocicleta, uma menina morreu, entendeu? Enquanto as valas negras estão aí. Foi um dinheiro que saiu da Caixa Econômica. Sabe, essas verbas, que são verbas é... Já destinada àquele tipo de serviço e que eles pegaram e fizeram esses portais, fizeram aqui, em três ou quatro lugares, fizeram até no banco de areia, quebraram uma praça, fizeram sumidouro de tratamento de esgoto, alguma coisa impensada, eu não sei, é até difícil de responder, porque eu acho que um prefeito, por mais ignorante que ele seja, ele não faria aquilo, porque, por que portal? Por que portal? Se a vala está negra, igual a de Edson Passos, eu peguei uma porção de lodo. Não tenho dinheiro pra sanear tudo. Nós vamos demorar até colocar Mesquita no lugar. Artur vai ter que passar uns quatro anos, e eu estarei junto com ele, pra gente conseguir trazer uma melhor qualidade de vida, entendeu? Mas não tem a necessidade de fazer portais, pra que? Não tinha, o que tinha, deveria ser feito ali era um, podia até fazer um canteiro de flores para demarcar o encontro de município, mas aquilo ali não tem sentido, é perigoso aquilo ali. Estão me pedindo pra que eu pintasse aquilo, arrumasse, me pediram aqui, agora já tá pronto, o jeito é pintar, mas eu ao invés de calçar uma rua enlameada e pintar aquilo ali, eu prefiro ficar com a rua. E estava no



comício há pouco tempo lá em Banco de Areia aí, numa escola, a escola tudo barro puro, pra entrar pra sala de aula tinha que passar primeiro no barro e, eu tô te falando sério isso, com verdade. Aí, o que me marcou né, aí tava lá, tinha umas quinhentas pessoas me ouvindo falar, então, uma, estava um garotinho assim seguro na mãe, no colo assim, um molequinho de uns sete anos por aí, assim, ele se desprendeu dos braços da mãe e correu na minha direção, e me abraçou pelas pernas, aí eu voltei assim “o quê que é?”, ele “tio, tio...”, ele “tira a lama lá da minha rua, porque eu tenho um tenisinho, quando eu venho pra escola o barro, eu tenho que andar na rua, fica todo sujo de lama, e os meus colegas ficam rindo de mim, eu estou te falando a verdade, ficam rindo de mim”, aquilo foi uma coisa, como se tivesse me dado uma apunhalada no meu coração. Por que se gasta as coisas, né, pra aparecer?

**(FÁTIMA)** – É verdade... Prefeito, agora, é, um pouquinho só da sua trajetória política. Quando é que o senhor entrou pro, começou a sua vida política, política partidária?

**(FRAMÍNIO)** – Olha, eu sou o fundador do PDT, mas antes militei no MDB, pelas diretas já quando do Ulisses, e dali nós criamos o PDT, e fiquei lá até hoje.

**(FÁTIMA)** – Então, o senhor é fundador do PDT?

**(FRAMÍNIO)** – Fui presidente várias vezes, sou hoje do conselho do PDT, sou do diretório regional, e sou presidente aqui em Mesquita da comissão. Já tô chagando na minha carreira pra dizer, como aposta o Paulo, “combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé”, já hoje peguei, contraí uma enfermidade incurável, né, que é diabetes, né. Eu vim de Havana agora, o médico, embora ele tenha me dito “não Framínio, nós vamos, nós vamos encontrar saída pra diabetes”, encontrei outro da Índia semana passada, num almoço que disse que vai mandar uma garrafada pra mim, que eu vou ficar bom, eu digo, “tá bem manda”. Aí, mas a gente sabe que isso não é boca, tem que controlar, não posso comer o que eu quero...

**(FÁTIMA)** – É claro...



**(FRAMÍNIO)** – E pra viver bem eu tenho que tomar conta da boca, tomando conta da boca você perde oportunidade, né, de uma das coisas melhores da vida, ninguém vive pra comer, mas come pra viver, né?

**(FÁTIMA)** – É...

**(FRAMÍNIO)** – Mas a gente percebe que você perde um pouco do prazer, né, e foi isso que e cai mais na política. Perseguido por essa ditadura, mas graças a Deus minhas mãos são limpas, sou brasileiro, não sou americano, então, isso eu tô levando assim. Agora eu tô cansado, eu acho que vou dar uma atenção aos meus netos, né, e vou só ajudar o Arthur nessa empreiteira, empreitada de agora, né, ele tá mais novo do que eu, pode levar mais uma vez, aí a emancipação fica representada, entendeu? A emancipação segurou Mesquita, eles não poderão dizer ao contrário. Aqueles que nós rodeavam apenas para nos dar mensagem de desestímulo haverão de reconhecer a nossa força no curso desses dois mandatos, meu e do Arthur, que a gente não veio pra brincar, a gente amava Mesquita, e isso, nós faremos isso, se Deus quiser.

**(FÁTIMA)** – Então, agora, eu queria pra gente terminar, que o senhor lembrasse, o senhor já falou disso, alguns nomes importantes. Pessoas que participaram desses vários processos aí pra emancipar Mesquita?

**(FRAMÍNIO)** – A senhora pode botar, por exemplo, Helio Mendes Amaral, como foi ao expoente, né. Pode botar Tenente Santa Rita. Pode colocar seu Carvalho, eu esqueço o primeiro nome dele, Edson de Souza Carvalho. Pode contar doutor Guilherme, não sei de que, Guilherme de que eu não sei. Roque da Paraíba. Nicodemus né, Nicodemus. Tô falando só de homem, tô meio machista, né, só de homem. Lá, de mulheres, pode, é porque eu não sei o sobrenome delas, muitas mulheres da Chatuba, a maioria...

**(FÁTIMA)** – Chatuba?



**(FRAMÍNIO)** – É. Entraram com aquelas, vinham, vinham ferozes com a gente, lá tem coisa ainda da Chatuba, ainda a Dagmar que lutou muito pela emancipação. Tinha é, umas senhoras, eu esqueço o nome, uma gorda, eu esqueci o nome dela...

**(FÁTIMA)** – Tá bom...

**(FRAMÍNIO)** – Um grande grupo de senhoras acompanharam a gente. Regina, doutora Regina, sempre acompanhou, sempre lutou. A Regina tá, ainda tá bem de saúde, de vez em quando vem aqui ...

**(FÁTIMA)** – A enfermeira Regina?

**(FRAMÍNIO)** – Não, não, não, essa nunca quis nada com a gente, não teve participação nenhuma...

**(FÁTIMA)** – Mas ela também é do PDT, não é?

**(FRAMÍNIO)** – É, mas eu não teve nada com emancipação...

**(FÁTIMA)** – Não teve nada.

**(FRAMÍNIO)** – Muito pelo contrário né? Ela era contra porque achava que não tinha condições de sobreviver. Tá provado que taí, que tem condição, mas...

**(FÁTIMA)** – É da outra Regina essa senhora...

**(FRAMÍNIO)** – É da outra Regina, Regina Amaral, ela filha do senhor Helio...

**(FÁTIMA)** – Ah, ela é filha do senhor Helio Amaral, ela mora aqui ainda?

**(FRAMÍNIO)** – Ela mora numa casa.

*Regina  
filha do seu Hélio Amaral.*



**(FÁTIMA)** – Qual é o endereço dela?

**(FRAMÍNIO)** – Casa na Rua do Tesouro.

**(FÁTIMA)** – Rua do tesouro?

**(FRAMÍNIO)** – É, lá na praça Sete Anões, pergunta “onde é que mora a doutora Regina aí”, que eles vão te dizer.

**(FÁTIMA)** – Ah é... Já me falaram dela, eu não conversei com ela não.

**(FRAMÍNIO)** – É, pessoa muito bacana, a Regina... Aí, outras senhoras, chamava de Amaral, eu não sei como era o primeiro nome, não sei se era Maria Amaral, eu acho que era, Maria Amaral, lá da Chatuba, uma gordona também, lutou muito com a gente. Tem a esposa do Roque que eu não sei o nome dela, também deu a vida. [Abre aí \_\_\_\_\_], deu a vida pela emancipação. Muita gente, muita gente. Vila Emil teve Expedito Miguel, que faleceu...

**(FÁTIMA)** – Faleceu agora. Eu entrevistei a esposa dele.

**(FRAMÍNIO)** – É?

**(FÁTIMA)** – É.

**(FRAMÍNIO)** – Senhora Maria.

**(FÁTIMA)** – É, Maria da Conceição.

**(FRAMÍNIO)** – Expedito foi um cara que lutou com a gente muito. É... Quem mais que eu podia daqui da Vila Emil. Vila Emil foi só esses. Bancos de Areia. De Banco de Areia nós tivemos, Santa Elias, Nicodemus, Banco de Areia, Tomás, embora ele tinha



farmácia, tinha dificuldades de estar presente sempre, mas o Tomás participou. Outros que já faleceram como Lacir da Silva...

**(FÁTIMA)** – O senhor Lacir?

**(FRAMÍNIO)** – É, conheceu Lacir? Ele era de Jucelino, Lacir, Almir Botelho, muita gente, foi um tempo gostoso, por isso que eu quero ver se, se vamos ajudar o Artur querendo, participando, ajudando ele sem interesse nenhum do governo, como aqui estão. São muitos companheiros do PT estão aqui, porque são pessoas de ideais, né, aqui o meu procurador é do PT, e meu vereador que eu gosto na câmara é o Tafaarel, tem os seus cabos eleitorais às vezes que me pedem, vai sair trabalhando. A gente quer o bem estar de Mesquita, o dia em que houver uma universidade aqui, em que eu tiver uma hospital de primeira, pelo menos igual a de Itaperuna, fazendo cirurgia cardíaca, aí eu sossego. Mas, enquanto a direção de, a direção de lá... Meus filhos, todos eles são, têm terceiro grau, todos passaram por concurso do estado. Meu filho é responsável pela dívida ativa de estado, um garoto solteiro, dorme no meu canto da minha cama, entendeu? Pleurisia. E eu não tenho nenhuma pretensão pessoal, mas sim de fazer uma cidade boa de se viver, não é? Esse é o meu sonho aqui pra Mesquita, e até o meu mandato eu vou inaugurando obra, fazendo o que puder, quando o Artur chegar ele continua, eu tô ajudando, até a gente fazer de Mesquita a cidade de nossos sonhos.

**(FÁTIMA)** – Prefeito, eu queria saber, porque eu vou ter, se o senhor me autoriza a colocar sua entrevista, trechos da sua entrevista no meu trabalho? Queria que o senhor autorizasse. Eu vou trazer depois uma carta de sessão de direitos, mas eu já queria ver se o senhor já podia autorizar, se o senhor autoriza colocar isso que o senhor falou, algumas coisas né no meu trabalho?

**(FRAMÍNIO)** – Tá, você faz uma síntese de tudo isso, né, e coloca. Por exemplo, eu recebi carta da Itália, recebi convite de Cuba, falei a comunidade internacional, esse mês passado e foi muito gostoso aquela experiência, tô recebendo e-mail. A Itália me chamou pra eu viajar e apresentar lá, o que eu fiz com a saúde. Porque sair do nada e



criar um hospital, e arranjar médico pra trabalhar, “vem cá rapaz vai pra lá”, nas suas... Nas especialidades deles, isso significa também que nesse país tem muito brasileiro que ama a sua pátria e a justiça. Agora, as injustiças políticas que vêm de cima... Isso é que trás tudo, desanima, né? Desanima a pessoa que não tem coragem de lutar, porque nada vem na mão de graça. Não se consegue nada de graça. Eu fiquei feliz quando cheguei na semana passada do Hospital Central de Havana, né, aí vi os garotos lá de Engenho de Dentro, “e você que esta fazendo aqui?”, “estou estudando”, “você tá em quê?”, “estou no sexto período de medicina!”, “e onde é que você mora?”, “engenho de dentro!”, “quem te mandou pra cá?”, “foi o PDT!”. Isso me alegra, meu partido manda 20 pessoas cada ano para o Hospital, para estudar Medicina e outras matérias em Cuba. Eu tava até fora disso, porque aí eu “por que você não?”, “porque não, porque não tem vaga pra todo mundo”. Então, são aqueles mais necessitados que a gente manda. Luta de Brizola que o meu... Esses rapazes estarão aqui no Brasil, né, dentro duma formação especializada beneficiando a família brasileira, não é isso? Então é isso que a gente tem que ver. Eu vou, eu vou voltar a andar, já fui convidado pra andar em 2006, as meninas da educação daqui brilharam, mas brilharam. O setor de educação de Mesquita hoje é um espetáculo, fizeram um projeto e apresentaram, tinha até representante da ONU, ficaram de boquinha aberta vendo a apresentação... Quinta-feira, dia 18, elas estarão aqui apresentando na câmara, uma reprise, se você puder vier vem ai que você vai...

**(FÁTIMA)** – De noite?

**(FRAMÍNIO)** – De noite. As 18 horas que começa. Eles fizeram, mas deram um show. E aí eu pensava que na Chatuba não tivesse ninguém assim que pudesse me dar tanta alegria, não é? Eu cheguei e vi as garotas do lado de fora, menina falando três, quatro idiomas. Mas vi da Chatuba também falando, eu fiquei feliz demais. Eu vou passar isso daqui a pouco pro Artur, nós vamos ter um encontro, eu vou conversar isso com ele, que as pessoas da Chatuba, a menina falando castelhano, falando inglês, espanhol, né, presidindo a sessão. Eu fiquei de boca aberta...

**(FÁTIMA)** – Bom, né?

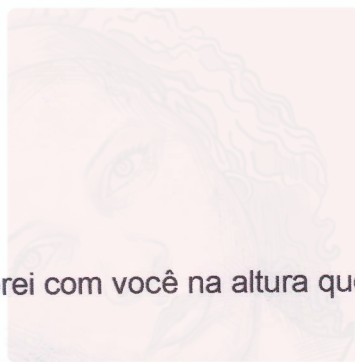


**(FRAMÍNIO)** – É, muito bom...

**(FÁTIMA)** – Então tá certo...

**(FRAMÍNIO)** – Tá bom, eu não sei se eu colaborei com você na altura que você precisa né...

**(FÁTIMA)** – Não, foi ótimo.



**CEP/**  
**DIM**  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM  
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ